

A criação do primeiro Dicionário da Língua Gestual Guineense, um desafio linguístico

Mariana Martini

linguista de formação e especializada na língua gestual

Marta Morgado

professora de crianças surdas, e da língua gestual.

Entrevista de **Lucas Augusto Cabi** *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-8706-9056>

Coordenação: **Alexandre António Timbane**

Link do vídeo : <https://youtu.be/LJSCBRLhRCg>

Resumo: Eu chamo-me Lucas Augusto Cabi, estudante de curso de Letras Língua portuguesa na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Campus dos Malês, Bahia. Junto com prof. Dr. Alexandre António Timbane da mesma instituição e editor da revista Njinga & Sepé realizamos uma entrevista. Entrevistamos as autoras do Dicionários da língua gestual guineense. Trata-se da professora Marta Morgado e Mariana Martini. Trata-se de um dicionário produzido em 2007 e a outra em 2017. A Guiné-Bissau tem algumas escolas que atendem surdos. A Guiné-Bissau é um país com cerca de 20 línguas étnicas de acordo com Couto e Embaló (2010). Somando essas línguas, os autores não mencionaram as línguas de sinais falada pela comunidade surda do país. A senhoras Mariane Martins e a Senhora Marta Morgado, nos falaram um pouco da ideia de construção do dicionário da língua gestual guineense e das formas como os surdos são tratados na Guiné-Bissau. A Marta e a Mariane são portuguesas. A senhora Mariane Martins é linguista de formação e especialista em língua gestual, A Marta é professora de surdos. Martins e Morgado acreditaram que esse dicionário vai ajudar ainda mais surdos e os ouvinte que querem conhecer a língua gestual guineense. Ainda falaram que a língua gestual guineense este é uma língua crescente e com uma comunidade surda fortíssima e vibrante.

Atenção: a entrevista foi feita com interpretação da Profa. Mariana Martini para Marta Morgado.

LUCAS: Bom, a primeira questão, gostaríamos de saber como foi o processo da criação do dicionário?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Vou explicar eu, porque estamos em sintonia. Eu estava a trabalhar na Associação Portuguesa de Surdos na altura, aliás, tenho estado sempre na Associação Portuguesa de Surdos, e em 2003, se não estou em erro, 2003, fomos visitados na Associação Portuguesa de Surdos por um senhor cego acompanhado

* Graduando no Curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, Bahia, membro do Grupo de pesquisa África-Brasil: Produção de Conhecimento, Sociedade Civil, Desenvolvimento e Cidadania Global, membro de grupo de pesquisa GELCLA e membro de grupo de pesquisa Tumoxi-Firkidja, membro de grupo de pesquisa Educação Literária antirracista do campus dos Malês (EDULILA Malês-UNILAB/CNPq).

do seu secretário, que era um senhor ouvinte, os dois guineenses. E eles vinham muito aflitos a pedir apoio, porque na escola de cegos que tinham criado há pouco tempo, de repente apareceram alguns surdos e eles não sabiam como educá-los, portanto, como lhes providenciar a educação. E foi nesse sentido que nós nos mobilizamos para começar por dar uma formação aos professores lá na Guiné-Bissau em como trabalhar com os surdos, com os alunos surdos. Eu sou linguista de formação e, portanto, especializada em língua gestual. A Marta é professora de surdos de crianças, surdas, professora na altura de língua gestual e estava a trabalhar na maior escola de surdos em Portugal, que é o Instituto Chacó Rodrigues Pereira. Portanto, acabamos por ir as duas voluntariamente, primeiro, fazer esta formação. E nós, quando chegamos lá, vimos que os professores ouvintes estavam a tentar usar os gestos da língua gestual portuguesa para trabalhar com os alunos surdos. Eles tinham levado o alfabeto da língua gestual portuguesa, um cartaz, um póster, e tinham também o gestuário, que era uma coisa muito simples. Mas, quando nós, a ver os surdos, os alunos e os outros surdos que, entretanto, iam aparecendo, e é importante dizer que isto foi duplicando a quantidade. Eles, na altura que nos visitaram, tinham uns 20 surdos, quando nós lá fomos já eram mais de 50. E depois foram aumentando todos os anos, neste momento já são mais de 500. É uma comunidade mesmo muito grande. E, na altura, nós vimos que eles estavam a usar gestos deles, que não tinham nada a ver com a língua gestual portuguesa, como é óbvio, eram gestos naturais e autóctones locais, portanto. E nós quisemos mostrar aos professores ouvintes que aquele gesto é que eles deviam usar para comunicar com os surdos, na língua deles. Então, na altura, fizemos assim uma coisa muito simples, tiramos umas fotografias e fizemos uma... recolhemos cerca de 200 gestos locais, imprimimos assim muito à pressa e deixamos. Isto foi tão importante para eles que eles nos pediram, então, e conseguiram financiamento para depois voltarmos lá em 2006 para fazer um dicionário a sério. E esse é o primeiro dicionário, que é o dicionário escolar da língua gestual. Esse dicionário já fizemos uma recolha a sério, juntamos muitos surdos, eram muitos surdos durante vários dias e usamos os manuais deles, os manuais de ciências naturais e tanto, da escola da cultura local. E fomos aproveitando isto para estimular a recolha dos surdos. Entretanto, esse dicionário depois gotou e pediram-nos para fazer uma nova reedição. Portanto, nessa altura, depois voltei lá em 2017. A Marta, na altura, estava grávida, portanto, já não pôde ir, mas foi um colega surdo guineense, mas que tinha crescido em... que cresceu em Portugal, mas que é guineense, e foi comigo e estivemos os dois a trabalhar na recolha

deste segundo dicionário, que é o Prática de Língua Gestual Guineense. E já fizemos uma recolha de mil gestos e fizemos, sobretudo, com os professores surdos de língua gestual guineense. Pronto, isto para falar do dicionário assim muito resumidamente.

LUCAS: Bom, na produção desse dicionário, também participavam professores guineenses na produção desse dicionário?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: A recolha foi sempre aberta à toda a gente e nós puxámos muito os ouvintes para assistirem à recolha, para eles aproveitarem, para perceberem que gestos é que estavam a ser usados pelos surdos. É importante dizer também que, quando nós estivemos lá da primeira vez, conhecemos um surdo que estava na universidade na altura surdos. Então, ele veio fazer o curso, durante a Associação Portuguesa de Surdos, havia o curso de formador de língua gestual só para surdos, e ele fez esse curso. Era um curso de quatro anos, só para surdos que tivessem já terminado a escola, a escolaridade. Como se fosse uma espécie de curso universitário, mas era na formação profissional. Portanto, este surdo fez os quatro anos e voltou para a Guiné-Bissau e ele depois fez a replicação. Portanto, ele depois formou outros professores surdos de língua gestual. E a Escola Nacional de Surdos investiu sempre muito no Ensino Bilingüe e, sobretudo, nestes professores surdos, para dinamizar o desenvolvimento da língua gestual guineense nas escolas. Portanto, os professores ouvintes acabaram sempre por estar bastante envolvidos, sim, mas digamos que o grande investimento foi feito nos professores surdos de língua gestual guineense.

LUCAS: Bom, e também, eu não sei, para fazer a criação desse dicionário, se vocês tiveram apoio do governo guineense?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Não. Tanto num como no outro. Aliás, no primeiro, o grande financiador foi a cooperação portuguesa. O segundo foi uma instituição, uma ONG italiana. Portanto, o governo guineense, não, apoiou muito pouco. Agradeceram e gostaram do projeto, mas infelizmente não tiveram meios para o financiar.

LUCAS: Bom, vamos para a próxima questão. E com o tempo que vocês fizeram na Guiné-Bissau, e não sei se, como vocês entenderam, as pessoas surdas são tratadas como deficientes no país? Se é assim, porquê?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: A primeira vez, estou a traduzir a Marta agora. A primeira vez que fomos, sentimos que as pessoas olhavam para os surdos como deficientes, sim. Como se não tivessem direitos. Os direitos não eram iguais. Os direitos à educação eram bastante discriminados.

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Deixem-me só acrescentar. Vou só acrescentar aqui uma coisa. Eles, na altura, quando fomos, a primeira vez que fomos foi em 2005. Os surdos, a grande, esmagadora maioria dos surdos, estava quase como escondido pelas famílias. Não tinham cartão de identificação, portanto eram completamente ostracizados, no geral. Mas como, entretanto, se criou a Escola Nacional de Surdos, isto mudou bastante as mentalidades. Também, entretanto, se criou a Associação de Surdos e fizeram muita publicidade na rádio, na televisão, e mostraram que os surdos... mostraram que eram pessoas iguais às outras todas, que podiam ter um desenvolvimento igual aos outros todos. E o dicionário também ajudou bastante na divulgação e aí a mentalidade, sentimos que a mentalidade mudou bastante, sim. Até agora. E agora, nós estivemos lá... Aliás, eu estive lá o ano passado, no meu último trabalho de campo com eles, e sinceramente os surdos já estão completamente integrados, fazem... estão completamente autônomos, trabalham junto com ouvintes. Eu vejo os ouvintes a comunicar com eles, é de igual para igual, já não há discriminação. E os próprios surdos sentem-se fortes, têm uma boa autoestima. E também uma outra questão, já que a senhora falou um pouco dessa relação dos surdos e dos ouvintes, e não sei por parte do governo de Guiné-Bissau se existe também um projeto de inclusão das pessoas surdas com ouvintes na mesma sala de aula. É verdade, é verdade. E tem sido alguma discussão, mas... e na Escola Nacional de Surdos, inclusive, há uma parte de ouvintes. Portanto, já há, digamos, esta inclusão geográfica, vá, do espaço, mas as aulas continuam a ser separadas. Portanto, há aulas só para surdos, com os professores a dar a aula em língua gestual, e as aulas dadas oralmente, em português e em crioulo, que é o que é mais comum, portanto, oralmente, para os ouvintes. Eles só são integrados, assim, na mesma turma, a partir do secundário, portanto, a partir da décima classe, porque já há poucos surdos que passam para o nível secundário, e aí eles estão na mesma turma. E já têm algumas dificuldades porque não há intérpretes nenhum. Quer dizer, há professores ouvintes que sabem alguma língua gestual e conseguem apoiar um pouco, mas não são aulas completamente traduzidas por inteiro. E há, neste momento, dois surdos que já concluíram a licenciatura de professores de educação básica, sem interpretação nenhuma, um a terminar agora a licenciatura de Direito, que foi o que fez a formação na Associação Portuguesa de Surdos, e um outro em Engenharia, com muitas dificuldades também por não ter a interpretação. Há um problema grave agora, falta de intérpretes.

LUCAS: Bom, uma vez que a senhora falou dos intérpretes, e qual a importância de ter intérprete na sala de aula, nos hospitais, nas televisões e na justiça? Eu, como sendo guineense, acho que as pessoas surdas assistem telejornais só para assistirem as pessoas falarem, sem intérprete. Então, qual a importância de ter intérpretes nesses locais?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: É um problema mesmo muito grande. Mas eles, por um lado, estão bastante autónomos e autossuficientes, com muita autoestima. Portanto, eles estão completamente integrados socialmente, mas continuam a ter este problema de acesso à informação. Nas aulas a níveis mais elevados, secundário e universitário, e com muito, muito esforço que eles conseguem ir contornando esta dificuldade, ou com apoio dos colegas, com apoio dos professores, ou com apoio à parte de amigos e outras pessoas que os conseguem ajudar. Na televisão, sim, de facto, eles não têm acesso nenhum, principalmente às notícias. Mas eles vão tendo acesso à informação porque conversam uns com os outros e porque eles próprios vão comunicando com os ouvintes que estão à sua volta, família, amigos, e a informação vai sendo partilhada assim, na comunicação, na interação. Portanto, é uma forma deles contornarem a falta, que é imensa, de intérpretes. Na saúde, eles muitas vezes vão acompanhados por alguém que os possa ajudar a fazer a ponta da comunicação. Portanto, eles têm, há neste momento, alguns professores ouvintes que já estão bastante proficientes na língua gestual, alguns familiares que também vão desenvolvendo bastante a fluência na língua gestual. Mas digamos que neste momento esse seria o próximo passo, seria formar intérpretes profissionais para que eles possam trabalhar nos sítios onde fazem falta. A justiça também é outro problema, portanto, não há intérprete. Eles, inclusive, estão neste momento a mais um processo judicial que já dura há alguns anos, mas como o tal Amare Soares, que fez a formação em Portugal e que está agora a terminar o curso de Direito, justiça.

TIMBANE: Eu queria deixar as professoras se tiverem mais alguma questão a falar, mas antes disso eu queria mesmo parabenizar pelo trabalho. O vosso dicionário é um dicionário muito importante, muito importante.

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Mas agora qual é o dicionário que conhece? É o escolar ou é o prático?

TIMBANE: É o escolar, é o dicionário escolar. Tem um outro diferente desse dicionário escolar? Esse dicionário escolar foi feito naquela altura que o objetivo principal era para motivar a educação bilíngue.

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Por isso é que ele tem alguns exercícios a tentar juntar as duas línguas. O dicionário prático, que a Marta está neste momento à procura, mas não está a encontrar. Já foi a pedido, é sempre a comunidade que faz estas propostas e nós vamos atrás. O pedido foi de fazer um dicionário para toda a gente. Portanto, este dicionário aqui, este é o de 2017, que já está esgotado também e estamos a precisar fazer um bocadinho de salvo.

TIMBANE: Não é este que tinha 500 exemplares?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: 500 gestos tem o de 2008. Este é o de 2017 que tem 1000 gestos. Mas muitos mais gestos há. Mas isto vai mostrar que este dicionário tem exemplos de frases assim, de situações de comunicação. Além do vocabulário. Portanto, isto no fundo é para toda a gente aprender não só as palavras, mas também a comunicar situações reais, que podiam ser reais, de interação.

TIMBANE: Professoras, eu queria dizer que em Moçambique também temos este problema da ausência do Estado nessas políticas dos grupos das línguas minoritárias. Em Moçambique também temos este mesmo problema. O dicionário que nós temos em Moçambique, da língua moçambicana de sinais, foi construído na Universidade Eduardo Mondlane. Por professores. Então, eu acho que as políticas linguísticas nos países africanos, de língua oficial portuguesa, devem sempre valorizar as línguas de sinais. Porque são línguas tal como qualquer outra língua. Então, a língua de sinais, um aluno surdo, ele só tem uma outra língua apenas. Não se trata de que ele é incapaz. Apenas tem uma outra língua, chamada língua de sinais. Apenas. Então, não pode ser tratado como um deficiente. Então, as nossas instituições, tanto na Guiné-Bissau, como em Moçambique, meu país, ainda trata o surdo como especial. Como um aluno especial. Mas não. É como se alguém falasse português, inglês. Portanto, falar uma língua de sinais é como se alguém estivesse falando uma outra língua. Então, é muito importante o trabalho que vocês estão fazendo. Eu vos agradeço muito. Eu queria deixar que vocês falem as últimas palavras.

LUCAS: Ainda tem pergunta, professor. Faltam duas perguntas. Bom, como estamos falando das línguas de sinais da Guiné-Bissau, gostaria de saber se esses dicionários que vocês produziram conseguem dar conta das variações que existem em

Bissau, em outra região. Porque tem uma escola que eu conheço, uma outra associação, que é FATA, que atua em Bissau. Então, acho que poderia existir essa variação. Então, o dicionário vai conseguir dar conta de tudo.

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: sim de facto existem outras escolas não só em Bissorã, mas em outras regiões Gabu, Bafatá, outras regiões espalhadas por país, existem algumas escolas e em algumas escolas estão no regime de inclusão e estes professores têm se esforçado imensa para tentar dar a educação a estas crianças eles muitas vezes vão buscar matérias de Portugal da língua gestual portuguesa e começam a influenciar. Eu não sei se é EFATA, a uma das escolas que tem um professor holandês inclusive tive alguns materiais aqui mesmo a Holanda com língua gestual holandesa. Mas, o problema é não ouvir o grande contato entre os surdos para que a língua digamos seja menos variável.

TIMBANE: Uma padronização não é Professora Mariana?

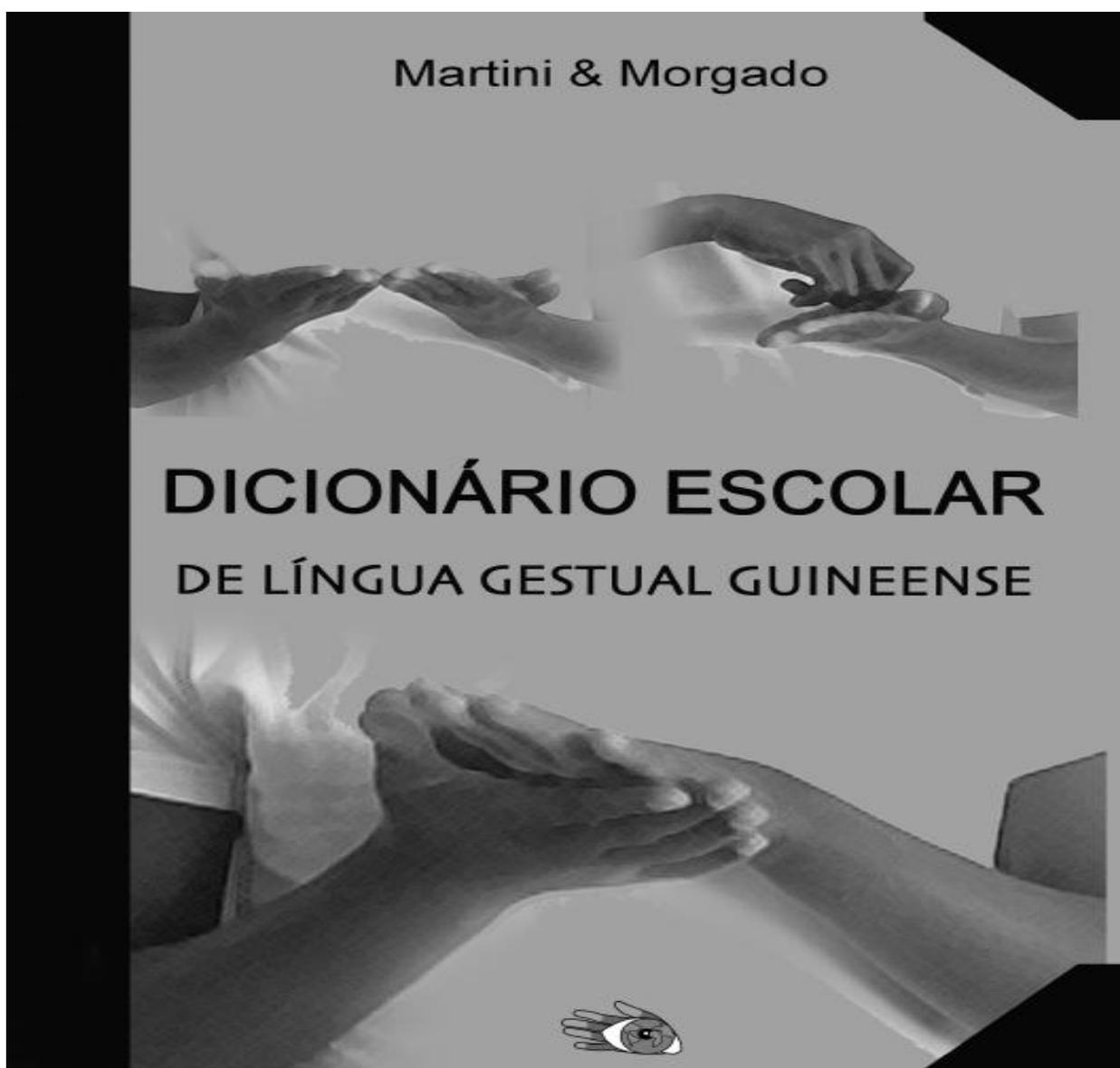
MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: sim. Há uns anos criou-se um centro de jovens surdos e este centro de jovens surdos começou agora muito recentemente a fazer está aproximação entre os grupos dos surdos do país. E com este contato, e com as formações que se tenham dado que se levam os dicionários da língua gestual guineense vai se espalhando a língua gestual guineense que nasceu em Bissau e cresceu muito em Bissau. Mas ele está progressivamente a espalhar para o resto de país. Mas é importante perceber que a língua gestual guineense é muito baseada nos gestos locais usada por toda a gente, portanto, a gestos se calhar o Lucas vai reconhecer como este, ou como este ou se calhar como este não sei mais o este que são gestos usados pelos ouvintes que os surdos aproveitam porque são gestos locais. Portanto, há muitos gestos que acabam por ser iguais no país inteiro que servem de base para as variações.

LUCAS: Quais são as perspectivas futuras do dicionário da língua gestual guineense?

MARIANA MARTINI/ MARTA MORGADO: Este é uma língua crescente e com uma comunidade surda fortíssima e vibrante. A uma comunidade surda que está sempre a crescer imensa, a crescer a todos os níveis. Eles falam muito e falam de tudo, portanto o dicionário é só um instrumento mais o que realmente importa é os surdos é eles estar em comunidade. Os dicionários vão escutando, não é? E está edição por exemplo já acabar também é preciso reeditar, mas é muito importante que os dicionários acompanham a língua gestual que é usada de facto e que não se afaste do uso a língua, portanto os sinais não são a traz tem que ser um espelho da língua que é usada pelos surdos e tem

que ter um objetivo. Primeiro tinha um objetivo da escola o segundo tinha um objetivo de sociedade em geral e o terceiro não sei é o que eles sentirem que é preciso neste momento não sei. E este como dizia o Lucas, como tem razão também essa questão da inclusão da educação inclusiva cria muitas confusões com educação dos surdos, porque os surdos não podem estar misturados, porque se não, não aprendem bem. Eles precisam da língua gestual e os ouvintes não podem aprender através da língua gestual porque não aprendem plenamente na sua própria língua. Portanto, essa questão da língua tem que ser levado muito sério na educação dos surdos para que eles de facto possam ser incluídos na sociedade.

Capa do Dicionário



A recolha de gestos utilizados entre os surdos da Guiné-Bissau, registados neste Dicionário, só foi possível com a colaboração da Escola Nacional de Surdos da Guiné-Bissau e da Associação de Surdos da Guiné-Bissau. A sua reprodução foi apoiada exclusivamente pela Surd'Universo e pela Cooperação Portuguesa.

Recolha de gestos:

Marta Morgado

Instituto Jacob Rodrigues Pereira, Casa Pia de Lisboa

Mariana Martins

Associação Portuguesa de Surdos

José Augusto Lopes

Oswaldo Indi

Escola Nacional de Surdos da Guiné-Bissau

Amaré Soares

Associação de Surdos da Guiné-Bissau

Alunos da Escola Nacional de Surdos

da Guiné-Bissau

Título: Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense

Autora: Marta Morgado & Mariana Martini

Gestuentes: Abubacar Turé

Altair Gomes da Silva

Fotografia: Marta Morgado

Ilustrações originais: © 2008 Jupiterimages Corporation

Ilustrações e capa: Marta Morgado

Textos e acabamentos: Mariana Martini

Revisão: Rui Pinheiro e João Barreto

1ª edição: Fevereiro de 2008

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal n.º

ISBN: 978-989-95254-3-6

Impressão: Offset Mais Artes Gráficas S.A.

© Surd'Universo 2008

Reservados todos os direitos.

Proibido qualquer tipo de reprodução.

INTRODUÇÃO

LÍNGUA GESTUAL GUINEENSE

Uma língua gestual nasce sempre que os surdos se juntam. Quanto mais forem e maior for a diversidade etária, constituindo uma verdadeira comunidade, mais rapidamente a comunicação gestual utilizada naturalmente por surdos se desenvolve, complexificando-se até atingir a estrutura gramatical de uma autêntica língua.

Normalmente, a língua gestual surge em contexto escolar, pois é onde é possibilitada uma maior concentração de surdos. Porém, quando os surdos não têm acesso a uma escola especificamente para a sua educação, acabam por criar códigos gestuais básicos com as pessoas que os rodeiam e que em geral são pessoas que ouvem.

Surpreendentemente, apesar de a maior parte dos surdos estarem isolados em família e nas suas localidades, as pessoas ouvintes na Guiné-Bissau utilizam de forma automática a comunicação gestual com as pessoas surdas, tendo mesmo consensualizado o uso de alguns gestos em sociedade.

Com menos frequência, acontecem encontros locais entre pequenos grupos de surdos, que se procuram naturalmente para partilhar uma forma de comunicação comum. No entanto estes grupos acabam por se revelar insuficientes na construção complexa de uma língua.

Na Guiné-Bissau, os surdos só se puderam juntar pela primeira vez em maior número, em 2003, na então Escola Bengala Branca, da responsabilidade da Associação Guineense para a Reabilitação e Integração dos Cegos (AGRICE), pois esta era, na altura, a alternativa possível para a sua alfabetização.

Começaram por ser meia centena de crianças e jovens surdos que rapidamente duplicaram, e, em 2005, a AGRICE pediu o apoio da Associação Portuguesa de Surdos (APS) no ensino destes alunos. Houve assim uma formação aos professores nesta área e uma avaliação da comunicação utilizada pelos alunos.

Neste mesmo ano, verificou-se que os gestos utilizados já permitiam documentar a existência partilhada, por aquele grupo de alunos, de um vocabulário essencialmente concreto e com grande influência da cultura nacional. Porém, pelas condições precárias da escola, os alunos estavam divididos em 3 grupos etários sem contacto entre si.

Em 2006, foi criada a Associação de Surdos da Guiné-Bissau (AS-GB) que decidiu assumir o ensino dos já quase 200 alunos surdos, através da Escola Nacional de Surdos. As condições para o desenvolvimento da Língua Gestual Guineense também foram melhoradas com a aproximação dos grupos etários e com a promoção de um convívio semanal entre os alunos e os adultos surdos da AS-GB.

Apesar do desenvolvimento positivo da língua da Comunidade Surda guineense resta lembrar que muitos surdos continuam excluídos da escolarização, por não haver espaço para mais alunos na Escola e por ainda não haver um lar para os surdos que residem fora de Bissau.

DICIONÁRIO ESCOLAR DE LÍNGUA GESTUAL GUINEENSE

A língua gestual é a língua adquirida e utilizada naturalmente pelos surdos em qualquer parte do mundo. Todavia, a motivação para criar os gestos pertencentes a uma língua gestual está fortemente dependente da cultura envolvente. Assim, a forma de viver, de estar e de pensar de uma determinada comunidade vai influenciar o léxico da língua. O que é comum é a utilização espontânea de configurações manuais (diferentes formas da mão) com várias orientações, de localizações distintas no espaço gestual, com grande variedade de movimentos e de expressões da cara e do corpo.

A única influência da Língua Gestual Portuguesa na Língua Gestual Guineense é o alfabeto gestual e o gesto para "nome gestual". O primeiro deve-se à utilização do Gestuário no início da escolarização dos alunos surdos da Guiné-Bissau e o segundo foi apreendido durante a formação de 2005, pois os alunos utilizavam nomes gestuais, mas não os identificam enquanto tal.

A recolha dos gestos utilizados pelos surdos guineenses foi realizada em duas fases. Numa primeira fase, em 2005, com um grupo seleccionado de uma dezena de surdos, dos 5 aos 25 anos, discutiram-se conceitos concretos, sobretudo a partir de imagens e fotografaram-se os gestos acordados pelo grupo que facilmente os fragmentou nos planos fotográficos necessários. Em apenas 2 dias, documentaram-se 220 gestos.

A segunda fase, em 2006, foi alargada a um grupo bem maior de surdos de várias idades e os temas discutidos foram provocados naturalmente e registados em vídeo. Em seguida foram enumerados 520 gestos e fotografados por duas crianças de 7 e 12 anos.

Este Dicionário foi elaborado sobretudo a partir dos Livros do Aluno de Ciências Naturais e Ciências Sociais "O Meu Ambiente", para a 1ª e a 2ª classe, e "A Nossa Vida", para a 3ª e a 4ª classe, na medida em que estes manuais reflectem, com todas as suas manifestações culturais, os conteúdos de aprendizagem para as crianças da Guiné-Bissau, durante os primeiros anos de escolaridade.

Todos os gestos aparecem identificados pela palavra em Português e, regra geral, são ilustrados. As palavras em Crioulo Guineense foram remetidas para o índice remissivo no final do livro, pois na versão teste, os alunos surdos ficaram confundidos com a identificação simultânea das palavras em Português e em Crioulo.

O dicionário está organizado por temas, em que se apresentam sugestões de exercícios que poderão ser trabalhados pelos alunos. Lembramos a importância de desenvolver sempre a compreensão dos conceitos através da língua gestual e só depois da sua interiorização, passar-se então, quando pertinente, à escrita ou a outras formas de solidificação dos conhecimentos, tais como desenhos, jogos, etc.

Atenção que a Língua Gestual Guineense é ainda uma língua muito recente e, por isso, pouco estabilizada e em evolução veloz. É, assim, possível, que alguns gestos deixem rapidamente de ser utilizados, sendo substituídos por outros mais evidentes para os surdos ou se transformem em formas gestuais mais económicas e menos icónicas. Além do mais, há que ter a consciência da complexa estrutura gramatical que envolve o vocabulário, e que não foi de todo explorada neste pequeno manual.

ÍNDICE

ALFABETO GESTUAL	6	ANIMAIS	62
CALENDÁRIO	7	DOMÉSTICOS	62
DIAS DA SEMANA	7	SELVAGENS	64
MESES DO ANO	8	DA ÁGUA	68
TEMPO	11	COMER	70
NUMERAÇÃO	12	DA TERRA	71
NÚMEROS	12	INSECTOS	72
DINHEIRO	13	CORPO	74
VESTUÁRIO	14	FAMÍLIA	74
ARRANJAR-SE	14	FÍSICO	77
VESTIR E CALÇAR	15	CARA	79
ROUPA	16	MEMBROS	80
ACESSÓRIOS	18	FUNCIONAMENTO	81
ESCOLA	20	SENTIDOS	82
CORTESIA	21	HIGIENE	84
MATERIAIS	22	SAÚDE	90
ACTIVIDADES	24	DOENÇAS	92
BRINCADEIRAS	27	ACIDENTES	94
COMPORTAMENTO	28	TRATAMENTO	96
CORES	30	HABITAÇÃO	99
DESPORTO	33	TAREFAS	100
ALIMENTAÇÃO	36	ARRANJOS	103
COZINHAR	36	EQUIPAMENTOS	105
LOUÇA	38	SOCIEDADE	107
COMER	39	INFORMAÇÃO	107
BEBER	41	TRANSPORTES	109
BEBIDAS	42	PROFISSÕES	112
FRUTA	44	CULTURA	114
LEGUMES	48	MAUS HÁBITOS	118
REFEIÇÕES	51	LOCAIS	120
DOCES	53	ESTADO	123
MEIO AMBIENTE	54	ECONOMIA	125
PAISAGENS	54	DICIONÁRIO	
TEMPO	56	Português - Crioulo Guineense	127
PLANTAS	60	DISIONARIU	
		Kriol Guinensi - Purtuguis	136
		ÍNDICE DE GESTOS - Temas	140
		ÍNDICE DE EXERCÍCIOS - Temas	144



Recebido em: 11/11/2022

Aceito em: 20/03/2023



Para citar este texto (ABNT): CABI, Lucas Augusto; TIMBANE, Alexandre António. A criação do primeiro Dicionário da Língua Gestual Guineense, um desafio linguístico. (Entrevista). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.3, nº Especial I, p.403-415, mai. 2023.

Para citar este texto (APA): Cabi, Lucas Augusto; Timbane, Alexandre António. (mai.2023). A criação do primeiro Dicionário da Língua Gestual Guineense, um desafio linguístico. (Entrevista). *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 3 (Especial I): 403-415.

Njinga & Sepé: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njinggaesape>